

Fiquei encantado com esta história,
tão assustadora & delicada - JAMES WAN

KEITH
DONOHUE



O MENINO QUE
DESENHAVA
MONSTROS

DARKSIDE

Fiquei encantado com esta história,
tão assustadora & delicada - JAMES WAN

KEITH
DONOHUE



O MENINO QUE
DESENHAVA
MONSTROS

DARKSIDE



#DARKSIDEBOOKS

Star Books Digital



KEITH
DONOHUE

O MENINO
DESENHAVA
MONSTROS

TRADUÇÃO
CLÁUDIA GUIMARÃES

DARKSIDE

Prólogo

Na casa dos sonhos, o garoto tentava escutar o monstro embaixo de sua cama. Uma aterradora presença na escuridão o havia despertado no meio da madrugada, e ele aguardava o som revelador de uma respiração. Haveria tal respiração? Ou o monstro chegaria em silêncio, sem aviso? Ele não teria tempo de se defender ou de proteger os tesouros guardados em sua velha caixa de brinquedos. A possibilidade de tal ataque o enervava, mas ele não ousava se mexer. Não ousava colocar sua cabeça para fora do barco e checar o espaço entre o colchão e o amplo mar azul do tapete trançado de sisal. Ele não ousava acender o abajur e inundar o quarto de luz, arriscando-se a assustar o monstro e tirá-lo de seu esconderijo. Não havia qualquer respiração além da sua, nenhum som além do bater ritmado de seu coração.

Casa dos sonhos. Era assim que sua mãe e seu pai costumavam chamá-la, antes que os problemas surgissem. “Esta é a nossa casa dos sonhos à beira-mar”, diziam eles aos visitantes que, no verão, vinham passar fins de semana prolongados. Ou para o vovô e a vovó Keenan, que vinham pela possibilidade de um autêntico Natal com neve no Maine. “Bem-vindos à casa dos sonhos.” O garoto não sabia ao certo se era uma casa na qual os sonhos se tornavam realidade ou se a casa em si era feita de sonhos. Houve um tempo em que essa expressão o deixava feliz, mas, em noites terrivelmente frias como aquela, os sonhos se transformavam em pesadelos, e os monstros debaixo da cama se agitavam na escuridão.

Ele levantou o edredom por sobre sua cabeça, até estar completamente encoberto. Pesado como uma onda, o edredom o pressionava, e ele se lembrava de como a turbulenta escuridão do mar, sem fundo ou topo, remoinhava enquanto os dois garotos lutavam para respirar no caos cinza-esverdeado. Sufocado e assustado, ele arrancou as cobertas, que se danem os monstros, e sentou-se na cama, arfando, controlando a vontade de gritar para que sua mãe viesse salvá-lo. Socorro! Mas ele não queria acordá-la nessa hora tão tardia. Ela não acreditava em monstros.

Ultimamente, os monstros vinham persegui-lo dentro dos sonhos. Eles pousavam suavemente a mão em seus ombros. Sussurravam em seus ouvidos enquanto ele dormia. E o menino acabava acordando, mas não encontrava nada

nem ninguém. Pela manhã, ele ficava pensando em quando e como o sono havia chegado. Ele estava extremamente cansado das imagens em sua mente. Da sua cama, era possível ver, através dos painéis superiores da janela, as estrelas frias sobre o oceano. O luar projetava um quadrado de luz na parede oposta, e ele acreditava que, caso se concentrasse o suficiente, com bastante afinco, conseguiria fazer o Sol surgir naquele espaço e despachar os monstros. Era a sua força de vontade contra a noite.

Um

Garoto dos sonhos. Holly observava seu filho dormir, como havia feito milhares de vezes antes, imaginando aonde ele ia em seus sonhos. Mais um minuto não faria mal, ela disse a si mesma, relutando em perturbar a paz do menino. Seu peito magro subia e descia, e ela se viu sincronizando sua respiração com a dele, como havia feito há uma década, quando ele era um recém-nascido. Jack tinha os punhos cerrados, um deles enfiado sob a bochecha, o que certamente deixaria uma marca na pele. Sob o tremor de suas pálpebras, seus olhos se moviam, concentrados em uma paisagem de sonhos visível apenas para ele, um filme exibido em sua mente adormecida. Ele parecia em profunda inconsciência, uma criança como qualquer outra, um filho normal, um garoto comum que dormia. Ela manteve aquele instante em suspenso, de modo a permitir que a ilusão se prolongasse.

Três anos haviam se passado desde a última vez em que ela ousara ficar tão perto de seu filho por tanto tempo. Um dia de verão na praia, seu garoto alegremente se soltara e saíra correndo pela areia e as pedras para se jogar em seus braços, seu coração exultante batendo acelerado sob suas costelas. Seus cabelos finos e macios emaranhados, ele cheirava a sal, areia e sabonete, e, enquanto a beijava repetidamente, ele bateu o topo de sua cabeça contra a borda do maxilar dela. Ele sentia amor, amor, amor por ela, e ela o amava de volta com uma fúria que às vezes a assustava: ela sentia que podia devorá-lo. Seu filho de sete anos, lindo, alegre e confiante. Ele a havia abraçado, pendurado em seu pescoço, com tanta força que ela estremeceu. Agora isso não passava de uma lembrança. Ela o observou dormir, desejando que ele voltasse para ela. Voltasse para antes de tudo ter começado.

No meio da noite, Jack havia gritado uma vez, um som que a acordara com sua intensidade animal. Ela estava cansada demais e acostumada demais para abandonar o calor do edredom, então aguardou, tensa e atenta a algum eco. Mas o silêncio retornou rapidamente. Durante meia hora, ela ficou prestando atenção, observando o ritmo lento do despertador. Tim havia dado as costas para ela e não passava de um contorno familiar, seu corpo lembrando uma distante cadeia de montanhas. De manhã, ela foi a primeira a acordar e o encontrou dormindo exatamente na mesma posição, como se surdo a qualquer interrupção.

“São oito horas”, ela disse ao marido. “Você queria fazer suas rondas esta manhã. Checar as casas agora que o frio chegou.”

“Me deixe dormir.”

“Para os ímpios não há paz”, disse Holly, puxando as cobertas de modo a deixar as costas dele expostas ao frio da manhã e saindo para acordar o filho.

Ela queria despertar Jack suave e lentamente. Seu longo cabelo escuro se espalhava por sua testa em fios emaranhados, que lembravam uma floresta de algas, acentuando sua pele pálida e seus traços delicados. Era um menino lindo. Curvando-se um pouco, Holly estendeu a mão para afastar o cabelo dele da testa, mas, assim que o tocou, ela se deu conta de que havia cometido um erro.

Rápido como uma cobra, o braço dele se estendeu à frente, em um movimento instintivo. Seu punho a atingiu logo abaixo do olho, e uma dor aguda se irradiou a partir do ponto onde houve o choque de um osso contra outro. O segundo golpe resvalou na ponta do queixo e aterrissou em cheio no ombro dela. Ela recuou e viu os olhos do menino, arregalados e raivosos.

“Não toque em mim!”, ele gritou. “Saia daqui, saia daqui.” Ele se arremeteu contra ela mais uma vez, uma profusão de socos e cotoveladas, e ela se afastou um pouco, chocada demais para se defender. Ele parecia possuído de uma selvageria brutal ao pular no colchão, sacudindo seus membros como se não reconhecesse sua vítima. Ela ficou parada, buscando uma maneira de se proteger, mas sem levantar a mão contra o filho.

“Pare, Jack, pare com isso! O que você está fazendo?”

Tão repentinamente quanto começara a atacar, ele ficou congelado de quatro na cama e levantou o rosto para ela, uma onda de compreensão desabando sobre ele. Arrependido como um cãozinho, ele curvou a cabeça e desabou na cama.

“O que deu em você?”

Jack escondeu a cara nas cobertas e começou a chorar. Desde os sete anos, ele não lidava bem com o toque humano. O menino afastava o braço sobre seus ombros e se retraía de um abraço ou aperto de mão, mas nunca havia agredido ninguém. Nem mesmo quando Tim o embrulhava com um cobertor e o carregava até o carro, nas vezes em que precisavam tirá-lo de casa. Seu coração batia forte enquanto ela tentava recobrar o fôlego e sentia as contusões no rosto e no ombro latejarem, com uma onda de calor em sua pele. Dilacerada entre o desejo de consolar o filho e a vontade de fugir, Holly não conseguia se mover. Ela firmou os pés no tapete, esperando ansiosamente pela trégua.

“Não toque em mim”, repetiu ele, desta vez com a voz calma e abafada pelo edredom.

“Não se preocupe”, ela respondeu. “Nem sonho em fazer isso.” Com a ponta dos dedos, ela pressionou a área dolorida do rosto.

Ela esperou. Por fim, o garoto sentou sobre suas pernas e cruzou os braços, balbuciando para si próprio, buscando firmar seu corpo trêmulo. Seus olhos se fixaram em um ponto qualquer atrás de sua mãe, e ela observou pacientemente até que a chave no cérebro dele virasse. Uma bolha de saliva explodiu no canto dos lábios dele. Os músculos retesados de seu pescoço relaxaram como elásticos.

Ela esperava que ele a tivesse deixado com um olho roxo, alguma marca que provasse a seu marido e aos médicos o que ela vinha dizendo há meses. Ele às vezes ficava muito próximo de perder o controle, de se tornar impossível de lidar. A falta de expressão no rosto do garoto mostrava a recusa em perceber a presença dela. A pele de porcelana dele ficou vermelha, e ela o encarou até que ele a olhasse de volta.

“O que foi aquilo, rapazinho?”

“Desculpe, foi sem querer”, ele disse.

“Espero que sim.”

Ele fechou a cara, os olhos cheios d’água.

“Você me machucou, Jack. Por que me bateu?”

A fúria se esvaiu de seu corpo, e ele imediatamente voltou a ser um menininho, confuso com seus próprios atos. Ele deixou cair os ombros, enterrou o queixo no peito e escondeu-se por trás da franja.

“Você não pode fazer isso, não pode bater na mamãe.”

“Desculpe”, repetiu. “Achei que estava vindo para me pegar.”

“Eu estava vindo pegar você, para acordar você.”

“Não. Pensei que tinha um monstro embaixo da minha cama.”

Um breve sorriso brotou no rosto dela. Um menino, um menino, apenas um menininho perdido. Ela cerrou os dentes e fez uma cara feia para ele, mas era tarde demais; Jack havia visto o sorriso furtivo. Ela limpou a garganta. “Você não pode sair por aí batendo nos outros, querido.”

“Eu prometo”, disse ele.

Tantas promessas não cumpridas, tantos votos de ser bom. A cabeça dela doía. “Vista-se, então. E quando estiver pronto, desça para tomar café, e veremos o que você pode fazer para me compensar.”

“Desculpe”, ele falou pela terceira vez, mas ela já havia se virado para sair do quarto.

Jack Peter se vestiu rapidamente e esticou o edredom, como lhe haviam ensinado a fazer, depois foi pé ante pé, apenas de meias, até a grade do aquecedor mais próxima da janela. Deitando no chão, ele aproximou o ouvido da

grade, um truque que descobrira por acaso, como se a casa tivesse passagens secretas para as palavras. Se o sistema de ventilação estivesse desligado, ele podia bisbilhotar as conversas em outros aposentos da casa, dependendo de onde ele se posicionava. Na cozinha, no andar de baixo, eles conversavam. Jack podia, em sua mente, vê-los aconchegados na mesinha de canto para o desjejum, duas xícaras de café fumegantes. “Assim do nada?”, perguntou o pai. “Totalmente sem motivo?”

“O que eu poderia ter feito para provocar isso? Eu mal toquei nele”, ela respondeu.

“Você vai ficar com um belo olho roxo.”

“Não é engraçado, Tim. Ele parecia um animal selvagem. Ele é mais forte do que aparenta.”

“Você terá de ser mais cuidadosa.”

“Cuidadosa?” A voz dela ressoou como um gongo pelo duto do aquecedor, alta o suficiente para ser ouvida também pela porta aberta. “Eu preciso ser mais cuidadosa?”

“Holly, as paredes têm ouvidos.”

“Não me importo de que ele me ouça, talvez ele devesse me ouvir. Talvez você devesse me ouvir. Alguma coisa precisa ser feita.”

Seu pai abaixou a voz, mudando de tom, de modo que Jack Peter teve de se aproximar ainda mais da grade.

“Foi só uma vez, Hol. Uma única vez. Eu vou falar com ele. Vamos dar um jeito para que ele pare de bater, mas não quero meu filho completamente dopado. Não quero aumentar a dosagem dos remédios.”

“Você poderia ao menos falar com o médico?”

Ele teimosamente se recusou a responder. Eles ficariam sentados ali, em silêncio, evitando o olhar um do outro, observando a janela, os jornais, acompanhando o vapor do café. Jack Peter havia presenciado essa cena inúmeras vezes.

Depois de algum tempo, seu pai disse com a voz calma, “Você não devia ter surpreendido o garoto. Algo deve ter acontecido para que ele reagisse de maneira tão... violenta.”

“Ele disse que havia um monstro embaixo da cama.” Ela ergueu o rosto em direção ao teto. “Estava mais para um monstro na cama.” “Você não deveria ter tocado nele.”

“No meu próprio filho.”

“Nosso filho”, disse ele. “O menino estava apenas assustado, e você provocou uma crise. Detonou a bomba.”

Jack Peter ouviu um deles se levantar da mesa e atravessar o aposento, mas

não podia mais entender o que sua mãe dizia, ainda que percebesse a irritação que perpassava sua voz abafada.

“Não”, respondeu seu pai. “Acho que isso seria impossível. Uma ideia terrível. Olha, vou me esforçar mais com ele.”

Escapulindo o mais rápido e silenciosamente possível, Jack Peter deixou seu posto e colocou-se no alto da escada, com cuidado para que não o vissem. Ele conseguiu captar o fim da resposta de sua mãe.

“...se algo acontecer conosco, então teremos de tomar esse tipo de atitude.”

“Por favor, Holly”, disse o pai. “Eu não vou mandá-lo para longe. Ele ficaria extremamente infeliz num desses lugares.”

Mandá-lo para longe. Para longe, para longe, para onde o mandariam? “Você não pode ter certeza”, disse sua mãe. “Talvez ele pudesse ser mais feliz, talvez encontrassem uma maneira de controlar melhor...” “Eu não vou fazer isso!”, gritou o pai.

“...o comportamento dele. Levá-lo para fora. Conquistar seus medos.” Seu pai disse: “Mas ele é nosso filho. Não consigo acreditar que você chegue a sugerir algo assim”.

“Não posso deixar que ele bata em mim, Tim. Que me machuque, ou que machuque a si mesmo. Não quero mandá-lo embora, mas não sei mais o que fazer.”

“Vou falar com ele”, disse seu pai, com a voz calma. “Vou levá-lo ao Wilson, para fazer os ajustes necessários.”

Um longo silêncio preencheu o vazio, crescendo como uma onda a partir do fundo do mar até que engolisse toda a casa. Envolvendo a cabeça com os braços, Jack Peter esperou que aquilo acabasse, mas não ousava deixar seu posto de escuta, Ele não iria para longe, não iria lá fora, ele faria com que eles parassem, e eles entenderiam e manteriam tudo como estava. Ele mostraria para eles. Faria com que vissem.

Por fim, seu pai se levantou da mesa. Ele certamente iria até ela e lhe daria um abraço. “E eu vou olhar embaixo da cama”, brincou. “Para ver se há monstros.”

Liberado, Jack Peter desceu as escadas e foi para a cozinha, todo sorrisos para a mãe, mas ela não se virou para olhá-lo. Na pia, lavando a louça, ela ainda não estava pronta. Usando sua roupa de ginástica, parecia prestes a sair correndo imediatamente. Seu pai deu um breve sorriso e acenou para que o garoto se juntasse a ele e ficasse em silêncio. Uma tigela de mingau de aveia, com um lago de xarope de bordo no centro, havia sido colocada em seu lugar à mesa.

“Tim”, ela finalmente falou. “Volto logo da minha corrida, e então você pode fazer sua ronda. Lembre-se de pegar Nicholas no caminho de volta. Ele vem brincar com Jack essa tarde.”

Jack Peter apanhou a colher e riscou uma linha sobre a superfície espessa do mingau. O xarope escorreu e se espalhou como sangue. Trabalho a ser feito, ele disse a si próprio. Não longe, não longe, mas aqui. Aqui dentro.

ii.

O Sol, de um amarelo pálido, pendia no céu salino. O inverno havia chegado durante a noite, e o frio dava um ar de isolamento às estradas vazias e às casas de veraneio desertas. Tim adorava a luz mortiça de dezembro e a ausência de pessoas, e então começou seu trabalho com uma espécie de alegre liberdade. Ele tinha que cuidar de uma dezena de imóveis no vilarejo e de outra dezena espalhada no lado oriental da península, e já havia dado conta de três das quatro casas em sua lista para o dia, sem ter sido perturbado por uma alma sequer.

A casa de veraneio dos Rothman era a maior e a mais elegante do vilarejo, de frente para a praia, em uma localização ideal, com vista para o farol, ao norte, e para a areia e as pedras intactas, ao sul. Tim estacionou o jipe nos fundos da casa e foi até a porta da frente, de onde ficou admirando a perfeição com que a nova mansão se mesclava com as suntuosas e antigas casas de estilo vitoriano da Nova Inglaterra espalhadas pela costa. Porém, ela havia sido construída há menos de dez anos. Seu filho era mais velho que a casa. O vento atravessava seu casaco, então ele fechou a gola, para proteger a garganta, e correu para a porta, vasculhando os bolsos em busca das chaves.

A casa estava mais fria do lado de dentro do que de fora; ele procurou o termostato para elevar a temperatura e acendeu as luzes na palidez do meio-dia. Na cozinha, armários de bétula novos e harmoniosos brilhavam como mel sobre a bancada lisa de ardósia, bem como sobre o fogão e a geladeira imaculadamente limpos. Algumas gravuras de bom gosto se enfileiravam nas paredes, e, na sala de jantar, as cadeiras estavam posicionadas a exatos sete centímetros da mesa, à espera de ocupantes. Em busca de correntes de vento, ele percorreu os aposentos um após o outro, distraidamente checando janelas que sabia estarem fechadas. Uma camada de pó forrava as conchas e o bricabraque cuidadosamente dispostos no bufê, e ele desenhou com o dedo uma linha na borda de um aparador de ébano. Em porta-retratos, fotografias dos Rothman se espalhavam por toda parte: o pai em seu jaleco branco de dentista, empunhando uma ferramenta bastante ameaçadora; a mãe exibia o mesmo sorriso prático em todas as fotos. Duas crianças — um menino e uma menina — passavam progressivamente da tenra infância à adolescência, os dentes perfeitos faiscando ao Sol de verão do Maine. Até o cão era perfeito: um shibainu suntuoso como uma raposa bem penteada.

Em um espelho de moldura dourada, Tim viu a si próprio rondando os objetos como se fosse um ladrão e rapidamente se afastou.

Tim se sentou na poltrona do dr. Rothman e examinou o tapete persa a seus pés, perguntando-se se teria trazido nos sapatos areia ou lama. A sala era simples e elegante. Um piano de armário Steinway tomava uma parede. Mais fotos da sra. Rothman, em seu melhor traje de banho. Espelhos e abajures Arts & Crafts. [1] Vigas de pinho branco e adornos de acabamento. A mobília, os objetos de decoração, a casa de veraneio, tudo melhor e mais novo que os dele. Um castelo erguido coroa a coroa, ponte a ponte, dente a dente.

Dinheiro. Ele enfiou a mão no bolso da frente e pescou dez dólares, a mesma nota amassada que havia enfiado ali há três dias. Nem precisava olhar para saber que sua carteira estava vazia. O dinheiro nunca era suficiente. Os planos eram que ele voltasse a estudar e se formasse, mas, quando seu filho nasceu e depois foi diagnosticado, eles decidiram, após muitas noites de discussão, que Tim deixaria a ambição de lado para tomar conta do garoto a maior parte do tempo.

“Eu ganho mais”, ela havia dito, e isso era verdade, mesmo como uma advogada de cidade pequena em início de carreira. “Então faz mais sentido, enquanto ele é pequeno, que eu mantenha meu emprego. O que há de tão terrível em ser pai em tempo integral? Você sempre pode encontrar algum serviço sazonal ou de meio período, vamos dar um jeito.”

Tim havia esbarrado com a vaga de caseiro da Administração de Propriedades da Costa, mas não conseguia deixar de imaginar que secretamente, desde o início, Holly apreciava a chance de escapar da responsabilidade do cuidado diário com o garoto. Quando J.P. era mais novo, Tim o levava junto quando tinha algum serviço ocasional e Holly não estava livre ou eles não conseguiam uma babá. Mas depois que Jip desenvolvera sua fobia, essas excursões com seu filho se tornaram praticamente impossíveis. Assim como voltar à universidade depois de todos esses anos. Ele tinha idade suficiente para ser pai de um calouro.

Com a sola da bota, ele esfregou uma mancha no tapete. O vento sacudia as vidraças atrás dele, e ele se ergueu da poltrona, duro de frio, para subir as escadas a fim de verificar as correntes de ar nos quartos. No boudoir do dentista, a cama *king size* flutuava como uma jangada no mar aberto. Uma única ruga marcava a colcha, e ele a alisou com as mãos, imaginando o dr. Rothman e sua esposa, perfeitos e bronzeados, descansando em uma tarde de verão, exaustos de tanto relaxar. O vento assobiava por uma fresta nas paredes, e Tim seguiu o som, passando pelo quarto da filha. Ele viu de relance um enorme urso de pelúcia, prêmio de alguma feira de praia, sentado na cadeira de Cachinhos Dourados.

A porta no fim do corredor estava fechada, e, quando ele a abriu, um cheiro forte evadiu-se do quarto do garoto, como se estivesse preso lá há três meses.

Alguma coisa morta. Nas paredes havia pôsteres de todos os astros do esporte de Boston, Red Sox e Patriots, Celtics e Bruins. Em um canto, repousava um par de esquis aquáticos, e nas prateleiras e sobre a cômoda havia conchas e estrelas do mar, um ovo de arraia seco, um pedaço de madeira que lembrava o chifre de um narval. Um caderno de recortes jazia aberto na escrivaninha do garoto. Páginas de um verão comum. O baleeiro de Boothbay, uma mariscada na praia, um conjunto de reproduções dos grandes fogos anuais de Portland. E o garoto e a irmã em dias de Sol, escalando pedras, andando de caiaque no calmo Atlântico, exibindo como troféus peixes menores que uma perca. O garoto e sua irmã, a assumirem um tom bronzeado entre julho e setembro. Ele virou a última página e pensou no filho.

Monstros embaixo da cama. Depois de erguer as cobertas, Tim se ajoelhou e olhou embaixo do colchão. Semelhante a um sapo seco, em meio às sombras havia um calção de banho. Ele se esticou para alcançá-lo e teve um arrepio ao tocar os vincos e as rugas do tecido.

Ao puxar o calção, uma trilha de areia se formou. Nos bolsos havia quatro conchas de bernardo-eremita, cheirando à maresia. Ele cutucou os pequenos corpos um a um, mas nenhum se moveu. Grandes monstros. Os Rothman não deviam ter se dado conta quando fizeram as malas no fim do verão, e o fato de a equipe de limpeza não ter olhado embaixo da cama não surpreendia Tim, pois eles eram rápidos e descuidados, deixando com frequência para trás surpresas que ele tinha de consertar. Tim colocou o calção e os caranguejos mortos junto ao álbum de recortes, as conchas escuras em contraste com a madeira.

Holly estivera com tanta raiva naquela manhã, cheia de uma decepção profunda que raramente vinha à tona, apesar de todas as dificuldades da última década. A marca em seu rosto rapidamente se transformara em um hematoma. Ela nunca havia conseguido encontrar a melhor maneira de lidar com o garoto, como abordá-lo com jeito, de forma a dar-lhe espaço para que ele viesse do seu mundo distante para a realidade. Apenas uma vez Jip havia agredido o pai. Fora no primeiro dia da escola depois de ele quase ter se afogado, há três verões, quando Tim tinha a certeza de que seu filho não ia querer perder a chance de reencontrar seus amigos. Ele havia conseguido convencê-lo a sair da cama e até a tomar o café da manhã, mas, quando chegou a hora de ir, o garoto simplesmente não se movia.

“Coloque as meias e os sapatos”, vociferou Tim. “Estamos atrasados para a escola.”

Seu filho empacou e dobrou as pernas para esconder os pés nus debaixo de seu traseiro.

“Você sabe que quer ir. Droga, Jip, ande logo e faça o que eu estou

mandando.” Ele percebia a crescente raiva na voz, mas não fez nada para impedi-la.

Abaixando a cabeça, o garoto olhou para ele com raiva, de maneira inflexivelmente desafiadora. Ele buscou marcar uma distância, buscando na cadeira uma âncora, enroscando seus braços finos nas travas do encosto.

“Última chance...”

“Não!”, gritou Jip.

Tim agarrou o braço dele, tentando tirá-lo da cadeira e fazê-lo calçar as meias e os sapatos, mas, no mesmo instante, seu filho se desviou e balançou violentamente, os pequenos punhos batendo com a força de um baterista contra as mãos do pai. Percebendo seu erro, Tim colocou-se fora do alcance do garoto enquanto o olhava distribuir golpes a esmo e então desabar, vencido por sua própria raiva, uma criatura totalmente diferente, um cão raivoso rosnando e mostrando os dentes. O espetáculo, a princípio, alarmou Tim, mas ele pensou que era melhor esperar um pouco e não mostrar qualquer emoção. Como ele imaginara, seu filho logo voltou a si e se acalmou.

Mantendo-se ereto, com uma postura rígida, olhando para seu filho, ele disse: “Você nunca deve bater em ninguém”.

Seu menininho teve um breve espasmo, algo que durou pouco mais de um segundo. “Certo”, respondeu.

A partir de então, Tim aprendeu a tomar cuidado com qualquer toque repentino e inesperado, e provavelmente era isso que Holly fizera com ele. Ela esquecerá e o assustará. Não acontecerá de novo, Tim encontraria o momento oportuno de falar sobre isso com Jip e colocar nele o temor a Deus. Mandá-lo para longe, ora veja se isso tem cabimento.

Os Rothman nunca mandariam seu menino para longe. Ele voltaria a esse quarto verão após verão até que se tornasse um homem, e provavelmente voltaria um dia com o próprio filho, e esse garoto seria normal também, e tudo correria bem com eles, os sortudos, os tranquilos, os abastados. E Tim voltaria para sempre a este lugar, checando a casa de veraneio de outra pessoa, fechando-a a cada inverno e cuidando dos sonhos alheios. Ele buscou ouvir o vento, mas este havia se enfraquecido. Nenhuma brisa assobiava pelas frestas. Um silêncio opressivo deu-lhe a sensação desconfortável de estar completamente sozinho em um lugar estranho, e de repente a casa arquejou em um suspiro, como se tivesse se cansado dele. Quando ele percebeu que era apenas a fornalha desligando, Tim riu de si mesmo. Bastante consciente de sua própria respiração e sentindo-se um invasor, ele decidiu ir embora, mas foi atraído por um som baixinho e vago. Era como arranhões, unhas raspando uma folha de papel, algo quase inaudível, mas o suficiente para perturbá-lo. O som surgiu novamente, um staccato de

movimento que vinha de dentro do quarto. Assustado pela brusquidão do ruído, ele pôs seus sentidos em alerta. A terceira série de barulhos delicados veio da escrivaninha do garoto, e, ao prestar atenção, ele acabou vendo um par de bernardos-eremitas em fuga, ressuscitados de suas conchas, remexendo suas grandes garras e retorcendo suas patas para serpentear pela superfície de madeira.

“O que...”

Todos os crustáceos estavam em marcha, partindo em direção aos quatro cantos da mesa; ele deu um salto e interrompeu a fuga deles com as mãos, um a um. Eles voltaram rapidamente para seus cones elípticos. Como eles haviam sobrevivido por meses nos bolsos do calção do garoto era um mistério para Tim, mas ele rapidamente abandonou essa dúvida e os levou para o térreo, colocando-os no terreno atrás da casa. Ele ficou por um bom tempo olhando para ver se eles se mexiam, mas os bichos permaneceram imóveis como pedras.

O Sol há muito atingira o apogeu daquele dia invernal e agora se dirigia para o poente como se coberto por uma névoa. Sorrateiramente, uma tarde gélida se avizinhava, e ele estava atrasado. Deixou os crustáceos onde os havia colocado e se apressou. À medida que se aproximava da casa dos Weller, pôde ver o filho deles, Nick, esperando pacientemente no alpendre, gelado como um pingente de gelo. Conforme Tim se aproximava da entrada da garagem, ele correu até o jipe, como se tivesse passado muito tempo preso e acabasse de ganhar a liberdade. Suas bochechas estavam vermelhas e gretadas pelo frio, e o menino irradiava uma ânsia quase impossível de suportar. Nick era um amigo muito bom para Jip ter. Um garoto muito bom.

[1] Movimento estético surgido na Inglaterra, em meados do século XIX, que privilegiava itens artesanais. [As notas são da Tradutora.]

iii.

Os cinzentos se escondiam da melhor forma que podiam no gélido campo branco, agachando-se por trás dos ângulos e das frestas espalhados nas dobras da paisagem. Pelo corte dos seus uniformes e a estranha aba quadrada na parte inferior de seus capacetes, eles se revelavam alemães. No punho erguido, um homem segurava uma granada cujo formato lembrava um martelo. Dois atiradores estavam deitados sobre seus estômagos, examinando a área à espreita do inimigo. Nos montes brancos acima do local da emboscada, um pelotão de americanos verdes marchava rumo à sua destruição. A antena do encarregado do rádio havia se quebrado em alguma escaramuça antiga. O detector de minas caía sobre a superfície macia a todo momento. Às cinco da tarde de um domingo, o crepúsculo encobria os soldados.

Um grito de guerra, assustador em sua barulhenta ferocidade, rompeu o silêncio, e surgiu no horizonte um bando de peles-vermelhas, invadindo a cena. Investindo furiosamente em pôneis castanhos, rédeas presas nos dentes, uma dupla de bravos retesava seus arcos. As flechas silvavam suavemente e caíam certas. O capitão cinza deu seu último — e surpreso — suspiro quando a flecha acertou seu coração. Um a um, os membros do exército se viravam, mudos de choque pela inesperada chegada dos reforços, por sua potência selvagem. Dos travesseiros, os americanos davam vivas e hurras enquanto retomavam a artilharia, lançando granadas como granizo. Ajoelhado, um deles disparou a bazuca, e voaram corpos em todas as direções. Os guerreiros, em seus cocares emplumados, seus topetes moicanos e seus enfeites peitorais trabalhados, deslocavam-se pela colcha da cama, as machadinhas erguidas em um alegre propósito assassino. Homens atravessavam o gelo e caíam gritando, cheios de pânico, nas águas geladas. No auge do massacre, a porta do quarto subitamente se abriu, jogando contra a parede um retângulo de luz vinda do corredor, iluminando os garotos lá dentro.

Com um punhado de índios de plástico erguidos no ar, Jack Peter encarou a figura parada na porta. Ele congelou, desnortado, como se desperto de um sono profundo. Sua sombra na parede era tão imóvel quanto as dos soldadinhos de brinquedo espalhados pela cama.

Sem tirar a mão da maçaneta, sua mãe ficou parada na entrada do quarto, o

olhar fixo no filho. “Meninos, está ficando tarde. Levamos Nicholas para casa, ou você prefere jantar conosco?” Ninguém o chamava de Nicholas, nem mesmo seus próprios pais. Ele sorriu da eterna formalidade dela.

“Eu posso ficar, se minha mãe concordar.” Nick olhou rapidamente para Jack Peter, mas este não esboçou qualquer reação. Ele sentiu um calor subir em seu rosto e apertou os bonecos de plástico com força.

“Vocês dois têm de se lavar agora, e, Jack, você nem fez a cama hoje.” A sra. Keenan deu um passo à frente, e sua mera presença parecia romper o feitiço que prendia o filho. Sua respiração acelerada deu lugar a um ritmo suave. Ele largou os brinquedos e curvou a cabeça como um penitente. Fazendo um semicírculo com os braços, Nick juntou todos os soldados e guerreiros no meio da cama.

“Jack, Jackie.” A mãe do menino estalou os dedos, tentando atrair sua atenção. “Não é ótimo que Nicholas possa ficar para jantar? Mas Jack, você tem de ajudar a arrumar essa bagunça. E faça sua cama, ok? Não quero falar outra vez. Vamos lá, garoto.”

Lentamente, ele recolheu os pôneis que haviam caído no chão, jogando-os na pilha. A sra. Keenan deixou o quarto, e, na ausência dela, ele começou a se mover com maior rapidez. Com a ajuda de Nick, os dois colocaram os soldadinhos de plástico em uma lata de biscoitos, em cima da caixa de brinquedos, e depois esticaram os lençóis e arrumaram a colcha. Os garotos faziam tudo em silêncio, pois Nick sabia que não devia distrair o amigo. Ele sempre ficava instável em momentos de transição; era melhor se manter quieto e deixar Jack fazer as coisas do jeito dele. Quando o quarto ficou arrumado, com tudo em seu devido lugar, Nick fingiu limpar a poeira das mãos. “Pronto?”

No mesmo instante, seu amigo voltou a ser um menino de dez anos. “Sim!”, exclamou, e eles apostaram corrida escada abaixo. O vento sacudia os vidros das grandes janelas do primeiro andar e jogava areia contra as paredes externas. Logo adiante, uma espuma branca cobria o Atlântico, e as ondas rebentavam na praia com um ritmo que lembrava um coração batendo. O frio e a umidade faziam pressão contra a velha casa, as vigas estalavam com o vento, e o sistema de aquecimento fazia pressão contrária, exalando ondas de calor. Era bom estar lá dentro em uma noite como aquela.

A sala de estar estava totalmente às escuras, havia apenas o brilho fraco das luzes da árvore de Natal, e os garotos quase passaram direto pelo sr. Keenan, aninhado na poltrona. “Parem, rapazes! Vejo que o sr. Nick se juntou a nós. E o que esses bravos meninos andaram fazendo a tarde toda?”

“Guerra”, disse Jack Peter. “Com os homens do exército.”

“Guerra? Caos e mortes, J.P.? Tão perto do Natal, você acha que é uma boa ideia?”

Jack Peter rodeava a poltrona, sem fazer contato físico. “Guerra de mentirinha. Só brincadeira. Não é de verdade.”

“Tudo na imaginação, hein, Jip?”

“Bem aqui.” Ele cutucou a cabeça com o dedo.

“E você, sr. Weller? De que lado está?”

A pergunta deixou Nick envergonhado, em parte porque ele se achava muito crescido para brincar com soldadinhos. Ele havia concordado, como costumava fazer, apenas devido à insistência de Jack Peter. “Não havia lados. Estavam todos misturados, alemães, americanos e índios.”

“Um saudável descaso com a História”, disse o sr. Keenan. “Muito bem. Há diversas coisas mais importantes que a História. Imaginação, por exemplo. E, claro, o jantar. Vocês estão de mãos limpas e prontos para o rango? Vamos acender algumas luzes pelo caminho. Não há necessidade de ficarmos em um cemitério.”

No fogão, fervia um ensopado de peixe. Nick observou a sra. Keenan fatiar o pão na tábua de madeira. Enquanto ela se concentrava na tarefa, o hematoma em seu rosto adquiriu um tom mais escuro. Eles sentaram em seus lugares habituais, os adultos nas pontas, Jack Peter e Nick de frente um para o outro. Ao fazerem as preces, Nick começou a perceber uma mudança na atmosfera, como se alguém ou algo os observasse enquanto comiam. Nenhum dos outros parecia prestar atenção nisso. O sr. e a sra. Keenan falavam de coisas triviais, como o tempo e a comida, saboreando um bocado de pescado, um pedaço de pão, um gole de vinho, e Jack Peter, como sempre, estava concentrado em sua tarefa, mastigando mecanicamente cada pedaço. Nick, no entanto, não conseguia deixar de lado a sensação de que eles não estavam sozinhos.

“Meninos, vocês nem imaginam o que encontrei hoje”, disse o sr. Keenan. “Eu estava na casa dos Rothman, cuidando que tudo estivesse em ordem para o inverno, e achei que havia uma corrente de vento, então fui checar todas as janelas. Em um dos quartos havia um cheiro realmente estranho. Na verdade, fedia...”

Mesmo com o copo de leite na boca, Jack Peter não conteve o riso. “Então olhei embaixo da cama, e, vejam só, o garoto tinha deixado um calção molhado ali. Largado desde o fim do verão, mas não é só isso. Dentro dos bolsos, adivinhem? Bernardos-eremitas. Quatro enfiados ali. Mas o estranho foi depois. Estava saindo do quarto quando ouço um clique-claque vindo da mesa onde eu os havia deixado. Aqueles crustáceos haviam retornado do mundo dos mortos, tentavam escapar da casa e voltar para o oceano.”

“Crustáceos fantasmas”, disse Jack Peter.

“Isso”, disse o sr. Keenan. “Imagino que eles estivessem hibernando ou coisa

parecida. Quase me mataram de susto.”

A sra. Keenan revirou os olhos e pôs a mão sobre o hematoma, como se este doesse. Amassando uma batata com o garfo, ela falou: “Nick, estamos ansiosos para ter sua companhia no Natal”.

Ele enrubesceu, lembrando-se de como seus pais o haviam forçado a isso, para que eles pudessem partir em um cruzeiro no período entre o Natal e Ano-Novo. Apenas os dois, uma segunda lua de mel, disseram, ainda que ele não entendesse o que havia de errado com a primeira. A viagem, ele pressentia, era vista como um remédio para os problemas que haviam surgido ao longo dos anos, e as tentativas deles de reavivar aquela antiga chama o excluía. Eles haviam deixado que ele escolhesse entre uma semana com os Keenan ou cinco dias na Flórida com o vovó e a vovô. O quarto de hóspedes no apartamento deles, em um condomínio de aposentados, era sempre quente, não importando a temperatura que fizesse do lado de fora. Até no Natal fazia um calorão. Sem neve, sem amigos. As tardes intermináveis. Jantar às cinco, na cama às oito. O noticiário da noite, um programa de auditório com a TV no último volume. Você gostaria de montar um quebra--cabeça? Ele amava os avós, mas iria preferir estar morto.

“Mais uma vez, obrigado por me receberem. Fico feliz por ficar com vocês. E com Jack Peter.”

Do outro lado da mesa, seu amigo não demonstrava qualquer emoção.

O sr. Keenan teve uma ideia repentina. “Podíamos até reunir a velha turma durante as férias de inverno. Qual era o nome daqueles garotos? Jip, você não vê aqueles meninos há quanto tempo, desde a segunda série?”

Sim, segunda série. Jack Peter era um menino caseiro há três anos. Não ia à escola, dificilmente saía de casa. Um a um, seus antigos amigos foram se esquecendo dele, e eles sempre perturbavam Nick por manter aquela estranha amizade. Talvez fosse melhor ir para Boca Raton, na Flórida.

“Meninos, vocês vão ser os donos do lugar”, disse o sr. Keenan.

Um par de olhos o observava por sobre os ombros de Jack Peter. Olhos tortos, desiguais, o esquerdo maior que o direito, as pupilas escuras como buracos, ameaçadoramente fixas nele. Ele quase deixou a colher cair. A cara enorme ganhou contornos, um desenho infantil a lápis preso na porta da geladeira. O retrato enchia completamente a folha: um menino de cabelo escuro emaranhado por cima de uma testa alta, um nariz rudimentar, um traço à guisa de boca. Era primitivo mas intenso, hachurado e trabalhado, sombras emanando dos olhos selvagens. Nick não podia resistir à tentação de olhar mais de perto, então levantou da cadeira e foi até a geladeira.

O desenho passava uma energia raivosa. Não havia rasuras ou qualquer sinal

de incerteza; as linhas soltas e espirais faziam parte do conjunto. Um borrão percorria o maxilar da orelha esquerda até o queixo, como se o autor tivesse tentado suavizar a linha e esmaecer a margem. Ainda que o retrato fosse parecido com muitos desenhos de crianças, o garoto no papel era animado por um espírito diferente, com um ar de irrealidade que hipnotizava Nick. Como se a imagem exercesse algum poder sobre ele, a vida imitando a arte. Ele não conseguia conciliar a habilidade expressa naquele desenho com a impressão que ele há muito tinha de seu amigo como simplório, lento para falar ou reagir de uma maneira normal, um garoto que parecia muito mais jovem, mais infantil na superfície; ainda assim, havia uma escuridão nas profundezas daquele desenho.

“Você gosta, Nicholas?”, perguntou a sra. Keenan. “Foi o Jack que desenhou. Assim, do nada.”

Nick virou o pescoço para olhá-los por sobre o ombro. O garoto continuava a vigiá-lo.

Arrastando a cadeira no chão, Jack Peter chegou um pouco para frente, de modo a encará-lo, com um olhar veemente, que brilhava com o fervor de um criador. “Você costuma nadar no oceano?”

“Claro que sim. Você não lembra? A gente nadava o tempo todo durante o verão. No inverno não, mas ainda costumo nadar no verão. Quando faz calor.”

“As pessoas se afogam no oceano. Os navios batem nos rochedos durante uma tempestade. As pessoas ficam confusas e perdidas no escuro, e elas inspiram a água, e todos se afogam. Naufrágios. Seu pai e sua mãe vão viajar de barco.”

O sr. Keenan pousou seu pedaço de pão na borda da tigela de ensopado. “Isso era antigamente, Jip, hoje não acontece mais. Não há mais naufrágios. O farol no Cabo da Piedade ajuda os navios a se manterem longe das pedras. Agora vire-se e termine seu jantar.”

Filho obediente, ele arrastou a cadeira de volta sem se levantar, centímetro a centímetro. Nick viu isso como um sinal para voltar à mesa. “Esse retrato é de quem?”

Jack Peter não respondeu. Em vez disso, começou a bater na têmpora, insistentemente, com o dedo. Ele batia sem parar, deixando todos alarmados. Cutucava o crânio com tanta força que a sra. Keenan teve de agarrar o pulso do seu filho para interromper o movimento compulsivo. Ela se retorcia contra a força dele, as veias e tendões saltando em seu antebraço, o rosto dela muito vermelho.

iv.

Ele havia saído para deixar o jipe esquentando em frente à casa, com o motor ligado no frio intenso. Em meio à desordem do vestíbulo onde ficavam as botas e roupas de frio, Tim bateu os pés no chão e esfregou as mãos enluvadas para ativar a circulação. Os esquis que estavam no canto chacoalharam, seu hálito explodiu em nuvenzinhas brancas, e as janelas ganharam uma borda de geada. Ele disse a si mesmo que, na próxima ronda das casas de veraneio, precisava checar se os aquecedores estavam ligados no mínimo. Nada pior que canos congelados rompendo-se na época do degelo. O inverno estava chegando. Droga, ele já estava lá. Apenas um degrau separava o vestíbulo da cozinha, e, por costume, ele bateu a ponta do pé na borda para tirar a areia e a sujeira da sola dos sapatos antes de entrar na casa limpa. O garoto já estava à espera dele, com luvas, gorro e botas, enrolado como uma múmia no casacão e no cachecol.

“Empacotado e pronto para partir? Tudo o que temos de fazer é colar alguns selos na sua testa e mandar você para casa pelo correio.”

Gingando, Nick avançou alguns passos e já estava quase na porta quando sentiu um puxão na manga do casaco.

“Você vai voltar?”, perguntou Jip.

“Claro que sim. Virei um dia depois da escola, como de costume, e então teremos uma semana inteira depois do Natal. Vou ficar com vocês.”

“Por quantas noites?”

“Do dia seguinte ao Natal até o Ano-Novo.”

“Você ficaria aqui, Nick? Você ficaria aqui se o navio dos seus pais naufragasse?”

A sra. Keenan interpôs-se entre os garotos. “Que coisa horrível de se dizer, Jack.” Ela deu as costas para o filho. “Não se preocupe com essa história. Seus pais vão ficar bem.”

“Eles podem nadar”, disse Jack. “Mas não no frio. Não nade na água fria, Nick.”

Incomodado com o que parecia uma ordem, Nick hesitou antes de responder. “Não vou. Está muito frio. Sinta no vidro.”

Colocando a palma da mão na janela, Jip sorriu com a sensação de frio. Tim pôs a mão junto à de seu filho. “O que você acha, Jip? Abaixo de zero?”

“Frio o bastante para nevar. Frio o bastante para ter gelo. Dirija com cuidado, papai.” Ele examinou os reflexos translúcidos que eles formavam no vidro e desenhou, com a ponta do dedo, a silhueta do rosto de Nick. “Ok, vocês podem ir agora.”

Antigamente, quando ainda saía de casa, Jip costumava fazer todo o caminho ao longo da estrada Costeira e subir as pedras no Cabo da Piedade até o outro lado, onde ficava a casa de Nick Weller. Os dois pulavam pelas pedras feito cabritos, passando assim os dias ociosos do verão. Era cerca de um quilômetro e meio a pé, mas os garotos só tinham autorização para andar ali à luz do dia e com tempo bom. De carro, era preciso fazer um retorno para o interior, a fim de contornar o promontório e as rochas, e esse contorno implicava dirigir por quase quatro quilômetros. Não que Tim se importasse com os dez ou quinze minutos que gastava para levar Nick para casa. Ele se sentia agradecido pelo fato de o garoto ainda visitá-los depois de todos esses anos, aguentando a esquisitice de Jip, dando a seu filho uma conexão com o mundo lá fora, uma aparência de normalidade.

Como se as coisas estivessem normais. Talvez, há muito tempo, quando ele era um bebê recém-nascido e era capaz de sorrir. O primeiro sinal de que havia algo errado havia sido, com certeza, o fato de ele não reagir ao bilu-bilu dos adultos. Ele não era tão fechado em si mesmo quanto alguns dos garotos que Holly e Tim haviam conhecido naqueles detestáveis grupos de apoio. Ele falava, enquanto os demais estavam perdidos em seu silêncio ou eram prisioneiros de algumas poucas palavras e sons. Ele suportava, se fosse avisado, que outros tocassem nele, ainda que o incidente da manhã tivesse feito Tim ter algumas dúvidas. Trata-se de um espectro, haviam dito os psiquiatras, e Jip estava na ponta mais funcional, mas, mesmo assim, se recusar a colocar os pés fora de casa e viver tão profundamente ensimesmado estava longe de ser normal. Mas Nick parecia não se importar, ou talvez seu senso de lealdade superasse sua aversão. Tim segurou-o com firmeza pelos ombros e o levou para o frio no lado exterior.

O garoto entrou no jipe e afivelou o cinto de segurança. Uma onda de tristeza invadiu Tim quando ele viu o menino pronto para a viagem de carro. Educado, obediente, um pouco tímido, mas basicamente um garoto comum. Tim controlou suas emoções e engatou a ré. “*On the road again*”, cantarolou enquanto descia com o jipe até a estrada Costeira. O céu de inverno estava cheio de estrelas, e uma Lua minguante puxava as marés. Eles deslizavam pela rodovia tão silenciosos e sozinhos quanto um navio no oceano.

“Desculpe por aquela cena com o desenho”, disse Tim. “Você sabe como o Jip é. Às vezes, ele não encontra as palavras certas.”

“Não se preocupe, sr. Keenan.”

“Vocês ainda têm aula de arte na escola? Eles ainda ensinam os garotos a desenhar?”

“Temos aula de arte duas vezes por semana”, respondeu o garoto. “E de música às sextas-feiras.”

Música, ele havia se esquecido de tentar música com Jip. Música talvez ajudasse. Algo para acrescentar ao currículo da educação em casa, que eles poderiam começar depois do Ano-Novo. A prática e a disciplina seriam boas para o filho. Um instrumento de sopro, talvez o clarinete fosse bacana. Ele fez o retorno para o interior e pegou a curva em forma de ferradura que contornava o Cabo da Piedade. Durante algumas centenas de metros, o fecho do farol atravessava a estrada, e seu brilho nunca deixava de surpreendê-lo. Iluminado por trás, Nick se refletia no para-brisa, mostrando entusiasmo enquanto falava. “Praticamos desenho no início do ano. Depois cortamos formas geométricas em papel, para fazer mosaicos. E então aquare...”

Tim enterrou o pé no freio e parou o jipe, as rodas triturando o cascalho da beira da estrada. Para além do reflexo transparente do garoto no vidro, a cerca de seis metros à frente, algo havia se movido. A massa branca se esticava, transformando-se em uma criatura ereta, a pele pálida de um sepulcral brilho azulado à luz da Lua, para depois dar-lhes as costas curvando os ombros e se afastar, arrastando os pés. Ao passar pelo fecho de luz do farol, olhou para trás, iluminado por um instante. A passos largos, subiu as pedras em direção ao oceano, desaparecendo na escuridão tão rapidamente que Tim não tinha certeza se aquilo havia acontecido, nem exatamente o que era aquela coisa que se assustara com o carro.

“Você viu aquilo?”, perguntou ele ao garoto.

Nick estava esfregando o pescoço no lugar onde o cinto o machucara quando o jipe havia parado de repente. Ele parecia não ter visto nada. “O quê?”

“Havia alguma coisa ali. Na estrada.” Tim encostou e desligou o motor.

Ao sair do carro, ele percebeu que o vento estava mais forte, tornando o frio da noite ainda mais cortante. Ele deu alguns passos na direção do farol, para onde a criatura havia fugido. Dentro do carro, o garoto o observava, com ar intrigado. Tim prestou atenção no silêncio, mas não ouviu nada além do distante ruído das ondas batendo nas pedras e do vento rodeando as árvores e tudo em torno. Nenhum sinal daquela coisa, e a ideia de chamar por algo que ele nem sabia se existia de repente lhe pareceu absurda. Ele observou a paisagem abstrata mais uma vez, sem ver nada além de contornos escuros sob um céu escuro. Convencido de que a criatura havia partido, voltou para o jipe.

“Está tudo bem?”, perguntou Tim ao garoto. “Tem certeza de que não viu nada

na estrada?”

Nick deu de ombros. “Eu vi o senhor.”

“Pensei ter visto...”

“Mas eu estou bem”, disse o garoto, mostrando o pescoço.

“É impossível”, murmurou Tim, balançando a cabeça para se livrar da visão. Ele ligou o farol alto e partiu, segurando o volante como se este pudesse escapar de suas mãos. A cada curva, ele pensava ver outra presença espectral na escuridão e não conseguiu relaxar até acabar de fazer o contorno da ferradura e ter de novo o oceano à sua direita. Cercada de tuias, a casa dos Weller resplandecia na solidão de dezembro. Uma fieira de luzes coloridas contornava o beirai do telhado e emoldurava as janelas e a porta da frente. Nenhuma outra casa deste lado do Cabo da Piedade exibia uma luz, uma vela que fosse.

Fred Weller abriu a porta com um copo de uísque na mão. Apesar de sua jovial robustez, ele parecia ser um homem que estava sempre com frio no inverno. Mesmo dentro de casa, Fred se embrulhava em um grosso casaco de tricô irlandês, amarrado na cintura, e usava meias de lã com os chinelos. Ele tinha uma expressão levemente desnorteada, como se não esperasse a volta de Nick aquela noite; e o garoto realmente entrou sem dizer uma palavra, tirando o casaco e o boné enquanto sumia no interior da casa.

Com um sorriso e um aceno, Fred conduziu Tim à sala de estar. “Qual veneno você prefere? Quer algo para esquentar, agora que o inverno finalmente chegou?” Fred foi até o bar e serviu mais um uísque.

Tim pensou em declinar do convite, mas foi vencido pela chegada da esposa de Fred, Nell, que surgiu como que do nada ao ouvir o som de outro ser humano no ambiente. Em um robe de estilo antigo, ela deslizou pela sala, balançando os ombros e os quadris, e beijou-o no rosto, sua pele exalando um perfume morno de cedro. “Timothy Keenan, não ouvi você entrar. Espero que Nick não tenha dado trabalho — onde está esse garoto?”

“Trabalho algum, mas...”

Ela pousou a mão de unhas feitas no peito dele. “Nossa, você está pálido como uma ostra, e seu coração está disparado. O que aconteceu, pobre homem? Parece que viu um fantasma.”

“E é isso mesmo. Eu vi alguma coisa quando vinha para cá. Na estrada, perto do farol.”

Fred lhe estendeu o copo. “Acho que você precisa mesmo de um drinque. O que era, afinal?”

G primeiro gole o aqueceu como uma chama.

“Não sei bem. Estávamos contornando o Cabo da Piedade quando vi aquela coisa, branca como papel. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi,

nossa, um homem pelado...”

Nell não conseguiu conter o riso. “Talvez eu devesse tomar um drinque, também. Você quer dizer, nu como veio ao mundo?”

“Pois é, isso seria impossível”, disse Tim. “Sem roupa, qualquer um congelaria até morrer em uma noite como essa. Hipotermia em dez minutos. Então simplesmente não podia ser um homem.”

Junto ao bar, Fred grunhiu, concordando, enquanto despejava gelo em um copo.

“E havia algo na maneira como ele se movia. Mal o vi, ele deslizou sobre as pedras, como uma pipa cuja linha arrebenta e é imediatamente puxada pelo vento, desaparecendo em um segundo.”

Fred estendeu a Nell um copo pequeno. “Aconteceu comigo uma vez. Nicky e eu fomos pescar no píer e, enquanto caminhávamos sobre as pranchas, um golpe de vento arrancou o boné dos Red Sox da minha cabeça, que saiu rodopiando pelo píer até cair no meio do oceano. O boné, não a minha cabeça. Era o meu predileto.”

“Sério, Fred. Você está comparando um boné de beisebol velho a um homem pelado no meio da estrada, na noite mais fria do ano...”

“Ele acabou de dizer que não podia ser um homem. Não para ser levado pelo vento daquele jeito. Só fiz uma comparação.”

“E eu estou apontando as falhas de sua analogia.”

“Não é uma analogia, É só uma observação. Um comentário sobre a força do vento.”

“Você está se mostrando um tanto avoado”, disse Nell. “Deixe o pobre coitado acabar a história.”

Tim tomou outro gole de uísque e pousou o copo vazio na mesa. “Temo já ter chegado ao fim da história. Saí do carro para dar uma olhada, mas a coisa havia sumido. E Nick não viu nada. Talvez seja uma boa ideia dar uma olhada nele. O cinto de segurança machucou um pouco seu pescoço quando freei. Juro que não consigo imaginar o que aquilo pudesse ser.”

“Um cão”, disse Fred. “Um enorme e peludo cão branco. Ou um coiote.”

Nell riu da ideia.

“Ora, eu vi um coiote por aqui no último verão, vindo de um beco sem saída. Poderia ser um animal selvagem. Um veado”, sugeriu Fred.

“Não seja ridículo”, disse Nell. “Você não prestou atenção? Ele disse que era branco como um lençol.”

“Uma toalha de praia velha. Um cobertor. Um desses guarda-sóis, arrastado pelo vento.”

Nell deu um sorriso irônico. “Ainda acho que era um homem nu.”

“Você está sempre pensando em homens pelados”, disse Fred.

Ninguém conseguia pensar em uma resposta adequada, então todos ficaram esperando que o assunto morresse. Cubos de gelo chacoalharam nos copos vazios.

“Como vai Holly?”, Nell disse finalmente, oferecendo um alívio. “E seu filho?”

“Ah, Jip... Nick e eu conversamos no caminho para cá. Talvez possamos convidar alguns dos amigos da escola durante as férias de Natal, quando os dois estiverem lá em casa.”

Os Weller trocaram uma espécie de sinal, uma olhadela rápida que o casal havia imbuído de significado ao longo dos anos. Eles não mostraram qualquer reação à proposta, e Tim sentiu um certo arrependimento por ter aventado a hipótese.

“Acho que um talento pode estar se revelando. Ele agora não para de desenhar.”

O comentário despertou o interesse de Nell. “Você precisa dar de Natal para ele um desses kits de desenhista.”

“Ele aceita encomendas? Talvez minha mulher queira posar para você.”

“Sinceramente, Fred.” Ela deu as costas ao marido. “Sabe, Tim, um desses conjuntos com lápis de cor, papéis especiais, talvez tinta. Aquarela. Você tem de ‘corajar’ o garoto.” Ela riu por seu erro accidental.

Sim, pensou ele enquanto se levantava para partir. Um jovem artista. Autoexpressão e tudo mais. Qualquer garoto, inclusive o seu, gostaria de um pouco de encorajamento.

Ele não estava acostumado a beber, normalmente era apenas uma cerveja, exceto quando saía com os vizinhos ou o pessoal que vinha para passar o verão, e ainda assim era só para se mostrar sociável. O uísque roncou em seu estômago, e ele sentiu a cabeça pesada enquanto Fred e Nell se despediam dele. No carro, ele ficou sentado um pouco, respirando profundamente, a fim de dissipar a leve tontura. Ela não mudava, continuava desejável como sempre. Ele sentia um leve torpor nos lábios, então beijou o ar algumas vezes, fazendo de conta que era Nell, antes de dar a partida no carro.

Normalmente, ele adorava a costa deserta em uma noite de inverno, que lhe dava um momento de solidão em meio a sua vida agitada. Porém, naquela noite, ele não conseguia tirar da cabeça a imagem que vira mais cedo. Ao contornar o Cabo da Piedade, ele reduziu a velocidade, na esperança e no temor de uma segunda visão. Como isso não ocorreu, ele parou no local do primeiro encontro com aquela estranha alucinação. Ele desligou o motor, deixou os faróis acesos e saiu do jipe. Noite estrelada, o frio cortante enchendo seus pulmões. Nenhum

sinal da coisa, nem ao menos uma pegada na areia. Tim subiu pelas pedras até o farol, momentaneamente cegado por seu brilho intenso, e só parou quando já era possível ver as ondas de espuma branca que recobria as águas negras, fosforescentes à distância, sucedendo-se sem parar.

Ele precisava voltar. Eles deveriam estar imaginando por que ele demorava tanto.

O que era aquilo? Nick não havia visto nada. Será que aquela criatura não passava de uma ilusão, um produto da indigestão do ensopado de Holly? Seria um cão, um veado, um coiote branco? Ou uma invenção de sua mente fatigada, um fantasma conjurado pela selvageria demonstrada pelo filho? Um garoto que bate em sua mãe quando ela o desperta de seus sonhos. Seu garoto, sempre fora do alcance, sempre rodopiando para longe dele, como uma pipa levada pelo vento. Mais encorajamento, ela havia dito. Mais coragem. Ele respirou uma vez mais o odor penetrante da maresia e então tomou o rumo de casa.

V.

Holly prendeu a respiração e afundou na banheira até estar completamente embaixo d'água. Seus cabelos flutuavam como algas em torno do rosto, suas mãos flutuavam, sem peso, e, assim que ela ficou imóvel, deixou de ouvir qualquer coisa que não fosse o ritmo de seu coração. Ela fechou os olhos, de forma a sentir apenas a água morna em sua pele e a pressão do ar preso nos pulmões. Depois de alguns instantes, algumas bolhas escaparam de seu nariz. Deve ser assim que se sente alguém que se afoga, ela pensou, tão estranhamente tranquilo no fim. Passaram-se mais quinze segundos antes do impulso inicial de pânico e sobrevivência. Ela curvou as costas e ergueu os ombros, até que pudesse respirar de novo, abriu os olhos e viu a porcelana branca da banheira, os azulejos turquesa na parede, e o teto luminoso como uma nuvem. A área acima dos mares latejava na umidade. Ela enrolou uma toalha e colocou-a sob o pescoço, deitando-se para descansar. Filetes de vapor se exalavam da pele sardenta dos joelhos, um par de ilhas brotando da água.

O vapor fez com que ela se lembrasse do padre, naquela manhã, com seu hálito gelado enquanto estava postado em frente à Igreja Stella Maris, cumprimentando os paroquianos que saíam da missa das oito. Estava um bocado frio naqueles degraus, como mostrava a fumacinha branca que acompanhava as palavras dele. Ela tentou sair sorratamente dali, da mesma forma que havia se esgueirado durante a missa, mas ele a alcançou, estendendo a mão, e teria sido indelicado não responder ao cumprimento. “Bom dia”, ele falou, grave como um político, e quando segurou a mão dela entre as dele, Holly pôde sentir o sangue aquecendo seu rosto. Ele era tão velho quanto o pai dela, que há muito partira deste mundo. Todos entraram em seus carros e se foram, não havia sobrado ninguém na igreja. A última a sair.

“Vai dar uma corrida?”, perguntou o sacerdote.

Ela puxou o casaco sobre a legging e o moletom, trançando os pés como se tentasse esconder os tênis de corrida. A decisão de ir à missa depois de tantos anos fora repentina, e ela não estava vestida para a ocasião. Naquela manhã, ela passou um corretivo no olho roxo, vestiu a roupa de jogging e fugiu de casa, com a intenção de ir de carro até a escola e correr um pouco na pista oval. Mas, ao ver os carros espalhados no estacionamento da igreja, acabou parando na

Stella Maris. Ela começou a balbuciar uma desculpa, rapidamente cortada pelo sacerdote com um aceno e um sorriso lânguido. “Estamos felizes em tê-la aqui, não importa o disfarce. Padre Bolden. Joseph.” Ao se apresentar, ele se curvou ligeiramente e bateu os calcanhares, fazendo ela pensar em um oficial prussiano que houvesse desaguado na costa da Nova Inglaterra.

“Holly Keenan”, disse ela. “Fui educada como católica.”

“Mas você acabou se afastando?”

“Sim. Desde que casei, acho que até mesmo antes.” Há um século, antes de Jack, antes de Tim, quando só precisava se preocupar consigo própria. Teria ela ainda uma vida assim?

“Então, seja bem-vinda de volta.”

Ela analisou o comentário dele por um instante, enquanto mordida o lábio. E pensou na sua mãe, certamente a caminho da missa naquele momento. “Não estou certa de ter voltado.”

“Então direi apenas ‘bem-vinda’. A qualquer momento. O que quer que esteja buscando, sra. Keenan...”

Ele deve ter notado minha aliança, ela pensou. Havia um bálsamo em sua voz, uma inesperada paciência.

“Se você precisar de alguém com quem conversar, de algum lugar para ir, estarei aqui.”

“Obrigada, padre.” Ela se sentiu estranha por chamá-lo de padre, depois de tantos anos longe de sacerdotes. Uma velha perua entrou no estacionamento, com os primeiros a chegarem para a próxima missa.

“Você será sempre bem-vinda, Holly Keenan. Faça uma boa corrida.”

A água havia esfriado, então ela ergueu o pé direito e abriu a torneira de água quente com os dedinhos até se sentir novamente envolta pelo calor. Aquela manhã parecia tão distante. Alguém com quem conversar, ele havia dito, e para o que mais ela teria ido lá? Alguém com quem falar sobre Jack. Outra pessoa que não Tim, que estava praticamente aquém de qualquer conversa sobre o garoto, preso a suas ilusões sobre como o menino iria superar suas enfermidades e se transformar em uma criança perfeitamente normal. Às vezes, ela pensava se por acaso as fantasias de Tim não superavam as alucinações de Jack. Não, há muito tempo ela não era capaz de conversar com ele sobre o filho. Muitas manhãs ela havia passado correndo em frente à igreja, sem parar para pensar no assunto.

É claro que, no início, ela se sentira tentada a ir à igreja, em busca de alívio, conforto ou reconciliação, mas Tim tinha mais fé em médicos e neurologistas, terapeutas e psicólogos, especialistas em cérebro e herboristas para encontrar algum remédio, apesar de Holly saber que não existia nenhum. No começo, quando eles notaram pela primeira vez que havia algo de errado com o filho, ela

ansiara pelo consolo da religião de sua juventude, com seus rituais e suas cerimônias, mas a verdade era que a incapacidade de Jack de se conectar com ela ou qualquer outra pessoa parecia uma piada extremamente cruel, e a oração não passava de uma promessa vazia. Isso aconteceu quando ele era um menininho, mas agora, hoje, exatamente esta noite, ele havia se mostrado forte demais para ela. Seu rosto doía. Seu bíceps ainda latejava com a força que ela havia feito ao tentar impedir Jack de continuar a cutucar o próprio crânio.

Ela o havia deixado na sala, evadindo-se com *Os Simpsons*, pois sabia que ele não a perturbaria no banho enquanto o programa não acabasse. Além disso, a qualquer instante Tim voltaria, depois de deixar Nicholas em casa. Ela fechou os olhos e pensou no padre, deixando-se levar, tentando relaxar por mais alguns minutos.

Um ruído forte, como uma única batida na porta, interrompeu seu devaneio, o choque abrupto de um objeto grande batendo contra uma superfície rígida com uma força considerável. Holly ergueu-se na banheira, a água escorrendo por seus ombros e seu peito, e ficou esperando um novo ruído, uma resposta ao primeiro. Talvez seu filho, gemendo de espanto ou dor, mas ela não ouviu nada. “Jack!”, ela gritou. Alguns compassos de silêncio se seguiram enquanto ela aguardava uma resposta, presa entre seu desejo de ter mais alguns minutos sozinha e o impulso de descobrir o que estava acontecendo. Ela não podia apontar com precisão a origem do ruído. Alguma coisa teria caído escada abaixo, estaria ele bem, ou o ruído viria de alguma outra fonte, talvez a porta do carro de Tim batendo? A velha casa rangia e estremecia no inverno, e cada baque desgarrado era amplificado e se tornava mais ameaçador no vazio da estação. Talvez o vento tivesse derrubado as latas de lixo. Não é nada, disse a si própria, mas, no instante em que deslizou de novo no conforto da água, outro ruído a perturbou. Ela puxou a tampa do ralo da banheira, ergueu-se, pingando água no tapete, enrolou-se em uma toalha grossa e abriu a porta. Seus pés molhados deixaram pegadas no corredor.

“Jade”, chamou, ainda no segundo andar. A musiquinha familiar dos créditos do desenho chegava até ela. Ele não respondeu, então ela foi até o alto da escada e chamou pela terceira vez. “Está tudo bem aí embaixo?” “Estou bem, mãe.” Sua voz tinha um tom de aborrecimento, mas nada de medo ou pânico.

Outro baque provocou vibrações pela casa, mas Holly ainda não sabia dizer se o som vinha de dentro ou de fora. Ela correu até o quarto, jogou a toalha molhada na cama e vestiu uma camisola, um roupão e pantufas. As batidas aumentaram em frequência e intensidade. O que aquele garoto está aprontando?, ela pensou, correndo escada abaixo.

Refestelado no sofá, onde ela o havia deixado, com uma manta de tricô

embrulhando as pernas, Jack agora via um programa sobre a vida selvagem. “Cadê o seu pai?”, ela perguntou, mas a TV o havia deixado hipnotizado e era impossível desviar sua atenção do programa. Um urso-pardo se arrastava na tela. Ela ficou de pé no meio da sala, analisando as possibilidades.

No baque seguinte, ela deu um pulo. Pareceu vir do lado direito da casa, mas, quando Holly se virou, começou uma marteladação, um *staccato* acelerado que percorria toda a extensão da parede mais próxima do mar. Ela correu até uma janela, mas não conseguia ver nada na escuridão. O lado esquerdo da casa foi atacado, uma chuva de balas de canhão na lateral.

“Que diabos está acontecendo?”

Encolhido sob a manta, Jack olhava para a TV e sorria, como se não tivesse escutado nada.

O sobretudo dela pendia de um gancho junto à porta da frente, e Holly lutou para enfiar seus braços, ainda com o roupão, nas mangas. “Não saia”, disse a Jack, dando-se conta da tolice de seu conselho enquanto atravessava a soleira.

Ela rapidamente se sentiu gelada, com o ar frio batendo em suas pernas nuas e seu cabelo molhado, atravessando as pantufas e agarrando as solas dos pés. Ela imediatamente se arrependeu da decisão de sair de casa. Era Tim que deveria estar lá fora no ar gelado, protegendo-os, procurando ladrões ou o que quer que fosse que estivesse atacando a casa. Onde está esse homem? Onde estava o padre Bolden para protegê-la com sua fé? Ela sussurrou uma oração de sua infância enquanto caminhava em torno da casa, arrastando-se na escuridão, buscando ouvir o som de canhão, alerta para o louco com uma marreta, tremendo com a expectativa. A ideia de um confronto a deixava assustada. Ela não tinha nenhuma arma, nem mesmo um bastão de beisebol, e devia ser uma figura espantosa com seu sobretudo e as pantufas. Talvez seu agressor morresse de tanto rir. Levadas pelo vento, as nuvens se interpunham entre a Lua e a paisagem, criando áreas de luz e sombra na praia e sobre a casa. Na iluminação intermitente, Holly examinou a fachada em busca de estragos, mas os golpes não haviam produzido sequer um arranhão. Onde ela imaginara haver enormes buracos de bordas lascadas, nada se via. No silêncio da noite, o oceano, ao qual há muito se acostumara, subia e descia como uma criança ressonando.

Respiração de neném. Quando Jack era um bebê, Holly costumava apoiá-lo em seu peito e sentar na varanda nas tardes de verão até que ela e seu filho respirassem no mesmo ritmo da maré. Durante aquele primeiro ano mágico, quando ela não se cansava dele, antes de terem a quase certeza de que havia algo errado, antes de todos os médicos, antes de toda a conversa de distúrbios de personalidade. Ele era apenas um bebê. Ao dormir, Jack deixava uma área morna de transpiração contra a pele dela, úmido como uma foca, o rosto escondido

contra seu seio, as minúsculas mãozinhas buscando a boca. Seu bebê. Ela sentia falta dele, queria que ele estivesse lá fora com ela, uma criança em seus braços ou o neném que agarrava um de seus dedos com a mãozinha. No momento em que ela o procurou pela janela, à luz noturna, uma sombra atravessou o retângulo de vidro, com outra logo atrás. Jack sacudia as mãos sobre a cabeça, como se tentasse assustar alguém que estivesse ali. Alguém, ela pensou, que estivera batendo nas paredes da casa tentando entrar. Um homem, um assassino, um monstro.

Raios de pânico a atravessaram, e ela saiu correndo, atabalhoadamente, pela areia fofa, desesperada para chegar até ele. Algo a agarrou quando Holly contornava a casa, a coisa monstruosa que vinha dando golpes do lado de fora para entrar, mas, ao se voltar para a meia-luz, Holly percebeu que era apenas a manga do casaco que havia ficado presa na cerca de arame que separava a residência da praia. Ela puxou a manga e se libertou, caindo sobre a areia e o mato.

Quando nada a atacou violentamente, nada se precipitou sobre ela vindo dos ares, arrastando uma longa mortalha esfarrapada, quando nada a atingiu além do fato de ter se dado conta do absurdo da situação, Holly riu, esparramada no chão. Ela não havia encontrado nada golpeando a casa, nenhum lobo à porta, soprando e bufando para entrar. Disse a si própria que Tim havia voltado, o que explicava a segunda figura na sala. Não passava de um mal-entendido, de nervos à flor da pele. Ela se levantou e bateu a areia das mãos, com a certeza de que não havia ninguém lá dentro com Jack, nenhum maníaco com uma máscara de hóquei, com a certeza de que a única loucura vinha de sua própria mente esgotada. Uma risada de alívio, uma risada para parar o choro, uma risada que ela temia jamais chegar ao fim.

Através das árvores, um par de faróis surgiu, pequenos e distantes, à medida que o jipe de Tim serpenteava pela estrada Costeira, finalmente voltando para casa. Se Tim estava na rodovia, ela pensou, então de quem era a segunda sombra? Desistindo da busca, a mãe se precipitou para dentro de casa, tirou o casaco e pendurou-o junto à porta. “Você ficou andando pela sala enquanto eu estava lá fora? Achei ter visto alguém aqui com você.”

Sereno como um Buda, Jack estava sentado no sofá, do mesmo jeito que ela o havia deixado, ainda vendo o programa sobre vida selvagem, com um bando de ursos-pardos pegando salmões enquanto estes lutavam para subir a correnteza. A expressão dele continuava igual. Ele não parecia ter saído do lugar. Ela passou os dedos pela geada grudada em seus cabelos e chutou as pantufas para debaixo da árvore de Natal.

“Não viu ninguém? Não ouviu nada?”, perguntou, e o filho fez que não com a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Menino Que Desenhava Monstros" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).